

ERNANI MARIA FIORI *IN FIERI*: O PENSADOR QUE SE FAZ OU “UM ANÔNIMO PEREGRINO DO ABSOLUTO”

ERNANI MARIA FIORI *IN FIERI*: THE THINKER THAT MAKES HIMSELF OR “A PEREGRINE ANONYMOUS OF THE ABSOLUTE”

ERNANI MARIA FIORI *IN FIERI*: EL PENSADOR QUE SE HACE O “UN ANÓNIMO PEREGRINO DEL ABSOLUTO”



Edivaldo José Bortoleto*
ejbortol@unochapeco.edu.br

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da Unochapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: BORTOLETO, E. J. Ernani Maria Fiori *in fieri*: o pensador que se faz ou “um anônimo peregrino do absoluto”. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 18, n. 37, p. 142-162, jan./abr. 2016.



RESUMO: Ernani Maria Fiori *in Fieri*: o Pensador que se faz ou “um anônimo peregrino do Absoluto” tem por objetivo apresentar traços da biografia de um pensador de magnitude ímpar da região Sul do Brasil com reverberações no contexto da América Latina Caribenha e também Europeia. A biografia apresenta as inscrições do pensador cisplatino na Cultura Latino Americana Caribenha, no âmbito da Ontologia, da História, da Linguagem e da tradição do Pensamento Filosófico Brasileiro e Europeu. Também estabelece uma relação da sua formulação de uma Metafísica da Interioridade e de uma Filosofia da Linguagem com a Educação.

Palavras-chave: Biografia. Pensador Cisplatino. Metafísica da Interioridade. Filosofia da Linguagem. Educação.

ABSTRACT: Ernani Maria Fiori *in Fieri*: the Thinker that makes himself or “a peregrine anonymous of the Absolute” has the aim to present the traces of a thinker’s biography of an odd magnitude of the South region of Brazil with reverberation in the Caribbean Latin American and European context. The biography presents the inscriptions on the Brazilian side of the Plata River in Caribbean Latin American Culture, in the ambit of Ontology, of History, of Language and Brazilian and European Philosophical Thought. It also establishes

a relation of his formulation of a Metaphysical of Inwardness and of a Philosophy of Language with Education.

Keywords: Biography. Brazilian Side of the Plata River. Metaphysical of the Inwardness. Philosophy of Language. Education.

RESUMEN: Ernani Maria Fiori *in Fieri*: el Pensador que se hace o “un anónimo peregrino del Absoluto” tiene por objetivo presentar rasgos de la biografía de un pensador de magnitud impar de la región Sur de Brasil con reverberaciones en el contexto de la América Latina Caribenha y también Europea. La biografía presenta las inscripciones de el pensador cisplatino en la Cultura Latino Americana Caribenha, en el ámbito de la Ontología, de la Historia, de la Lenguaje y de la tradición del Pensamiento Filosófico Brasileño y Europeo. También establece una relación de suya formulación de una Metafísica de la Interioridad y de una Filsofía de la Lenguaje con la Educación.

Palabras clave: Biografía. Pensador Cisplatino. Metafísica de la Interioridad. Filosofía de la Lenguaje. Educación.



* Edivaldo José Bortoleto é Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas; é Mestre em Filosofia da Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba; é Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade de São Paulo; e, é Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. É professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Comunitária da Região de Chapecó.

¹ De Ernani Maria Fiori em seu trabalho *O fio condutor de um pensamento itinerante* presente em *Metafísica e História*, 1987, p. 51.

A Fernando Arruda Campos,
*Filósofo que conheci em minha juventude
e a quem recordo em minha memória
agradecida, autor de Tomismo e neotomismo
no Brasil, primeiro inventário da Escolástica
em nossa Cultura.*

*“Meu pensamento itinerante – para
resumir – buscou o segredo do mundo
dentro do qual o homem faz história.
Encontrou parte deste segredo no espírito
que se objetiva como história e, aí,
autodesvela-se como práxis significativa”.*¹

1 ACHEGAS AO TEMA

Ernani Maria Fiori in Fieri: o Pensador que se faz “ou um anônimo peregrino do Absoluto” se inscreve no **Dossiê Pensamento Pedagógico da Região Sul: recuperando biografias, autobiografias, legados e contributos para a Educação Brasileira** com o objetivo de apresentar traços da biografia de um pensador de magnitude ímpar da região Sul do Brasil com reverberações no contexto da América Latina Caribenha e também Europeia. Se é verdade, por um lado, que Ernani Maria Fiori tem uma extensão no âmbito do pensamento e da cultura, não é verdade que sua obra ganha em notoriedade e importância – pelo menos em termos –, isto porque é uma obra que ainda não se apresenta e nem se configura em sua *Opera Omnia*. Como não se tem suas *Obras Completas* coligidas e elaboradas de forma crítica, o alcance qualitativo e quantitativo deste pensador em questão não tem ainda como ser valorado em sua magnitude, portanto.² Ernani Maria Fiori é uma estrela de grandeza na região Sul do Brasil conjuntamente com outras estrelas que estão a brilhar e produzir luminosidade, como Evaldo Pauli, Armando Câmara, Leonel Franca, Gerd Alberto Bornheim, Ernildo Stein, Urbano Zilles, Hugo Assmann, Leonardo Boff, Clodovis Boff, Ireneo Berticelli, Mário Osório Marques, Balduino Andreola, Antônio Sidekum e poderíamos aqui formar uma constelação de nomes cujas contribuições ao pensamento filosófico, ao pensamento teológico, ao pensamento estético, ao pensamento educacional, ao pensamento jurídico etc. estão a exigir uma História do Pensamento no Sul do Brasil e, Ernani Maria Fiori aqui apresenta uma possibilidade de construção de uma História do Pensamento no Rio Grande do Sul a partir de seu artigo *A Filosofia no Rio Grande do Sul* de 1984.³ Esta abordagem de Ernani Maria Fiori sugere – embora ele não afirme isto em seu artigo – que ao se construir a história do pensamento de cada região do Brasil, pode-se compor uma visão analítica e ao mesmo tempo sintética do que tem sido o pensamento no Brasil em suas várias formas, de maneira especial, a Filosofia, bem como as relações

² Vale aqui reconhecer que em informações vindas da UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, instituição onde Ernani Maria Fiori se formou em Direito e foi professor de História da Filosofia na Faculdade de Filosofia, tem um projeto em andamento praticamente 30 anos após sua morte de editar suas obras. As obras de Ernani Maria Fiori se encontram nos dois volumes: FIORI, Ernani Maria. *Textos Escolhidos*. v. 1. *Metafísica e História*. Porto Alegre-RS: L&PM, 1987 e, *Textos Escolhidos*. v. 2. *Educação e Política*. 2. ed. UFRGS Editora, 2014. Ernani Maria Fiori pouco escreveu e publicou. Muito falou e ensinou. Muitas coisas gravadas. Foi um homem do magistério. Vale conferir também o CDPB – *Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro* acerca de obras de Ernani Maria e de obras sobre ele.

³ O Artigo *A Filosofia no Rio Grande do Sul* (1984) encontra-se no v. 1 da obra: FIORI, Ernani Maria. *Metafísica e História*. Organização de Maria Sieczkowska Mascarello e Maria Tereza Papaleo, supervisão de Otilia Beatriz Fiori Arantes. Porto Alegre: L&PM, 1987.



e conexões com outros países latino-americanos e caribenhos e em conexão com as tradições europeias. Isto porque a região Cisplatina sofrerá o impacto de tradições culturais europeias como a alemã, a italiana, a polonesa, principalmente, mas também, sofrerá o impacto de etnias indígenas com suas mitologias, cosmovisões e línguas e, de países de língua hispânica como Uruguai, Paraguai e Argentina. Portanto, há um *pensamento cisplatino* a ser construído em conexões e influências revelando perspectivas plurais de pensamento que inevitavelmente terão implicações decisivas na Educação, para ficar neste campo de conhecimento. Processo semelhante dá-se em outras regiões do Brasil. Como exemplo vale salientar a formação da Escola no Recife na região Nordeste no século XIX. A significação dos pensamentos produzidos na região Sudeste, bem como Centro Oeste e Norte. Assim, há uma grande história do pensamento a ser elaborada, em equipe, sobre o que tem significado o pensamento com suas inúmeras formas no contexto maior brasileiro. Ao elaborar uma História da Filosofia em a *Filosofia no Rio Grande do Sul* Ernani Maria Fiori formula, portanto, uma metodologia de pesquisa e de construção para, em nível nacional, construir uma História da Filosofia no Brasil.

O elenco das estrelas luminares tão somente esboçado porta algo em comum: *todos foram professores e alguns continuam na vida acadêmica*. Na apresentação de *Educação e Política* elaborada por Otília Beatriz Fiori Arantes e Paulo Eduardo Arantes é sinalizado que Ernani Maria Fiori quando jovem:

Colaborava regularmente em jornais e revistas, comentando a atualidade política e cultural, polemizando, redigindo manifestos e programas partidários. O Magistério, entretanto, por assim, dizer, desviou o curso dessa atividade publicística, preferindo ao ensaio concentrar toda a energia na palavra viva do professor na sala de aula, assediado pelos alunos – mal comparando, conforme a melhor tradição democrática do filósofo medieval. [...]. (FIORI, 2014, p. 8).

Nos *Dados Biográficos* agora em *Metafísica e História*, elaborado por Hilda Costa Fiori, Ernani Maria Fiori inicia sua vida acadêmica em 1940 na cadeira de História da Filosofia, no Curso de Filosofia da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Porto Alegre e, em 1942, na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Federal. Em 1940 foi professor assistente de Elói José da Rocha e, em 1942, de Armando Câmara, respectivamente. Esteve na Universidade de Brasília. Em seu autoexílio foi para o Chile, onde lecionou na Universidade Católica de Santiago, bem como em Portugal e no Seminário de Viamão no Rio Grande do Sul. (FIORI, 1987, p. 298-306). Mas, Ernani Maria Fiori também foi um militante político,

estando próximo da *Ação* Integralista Brasileira, isto porque influenciado por Alceu Amoroso Lima e Helder Câmara, militou no Partido Libertador e, mais tarde, se distanciando de ambas agremiações, diz Hilda Costa Fiori, “retoma a militância política mais ativa em 1963, quando aderiu à Ação Popular (AP), movimento político criado, em grande parte, por elementos ligados à Ação Católica, especialmente à JUC. Data desta época a sua amizade com o padre Henrique de Lima Vaz, S.J., e a sua aproximação com Paulo Freire” (FIORI, 1987, p. 299).

Em *O fio condutor de um pensamento itinerante*, palestra realizada em 31 de março de 1980, na Faculdade de Filosofia N. Sra. Imaculada Conceição, em Viamão, Ernani Maria Fiori assim diz:

Há pensadores que são criadores de filosofia e, então, o magistério, para eles, é apenas a expressão de seu trabalho criador. Não faço parte dessa categoria de pensadores. Há outros que são professores e que entendem que o magistério de filosofia deva ser uma reflexão filosófica feita em comum, no diálogo com seus alunos. E, então, se eles têm um certo amor à sabedoria, eles se fazem, neste exercício, filósofos. Também acabam por criar, muitas vezes em nível muito modesto, muito humilde; mas, de qualquer forma, também se tornam, vão se tornando, pensadores e filósofos. Eu me incluo nesta segunda categoria e me excluo, não só da primeira, a que fiz referência ainda há pouco, mas, também, da terceira, a que vou aludir, porque a humildade não é mentirosa, ela é o sentido vivo, claro e aceito da objetividade. Por isso, eu me excluo da terceira categoria, que é a daqueles professores que apenas repetem. (FIORI, 1987, p. 33).

Se é verdade que Ernani Maria Fiori não se inscreve naquele grupo de pensadores que criaram sistemas – como Platão, Aristóteles, Tomás de Aquino, Kant, Hegel, Peirce e Dussel, pensadores estes que construíram uma *arquitetônica filosófica*, nada fáceis de serem demolidas – é verdade, também, que ele não se inscreve naquele grupo de repetidores e, curiosamente, Ernani Maria Fiori realiza uma proeza nada fácil de se realizar, ou seja, seu itinerário biográfico enquanto um itinerário histórico se confunde com o itinerário ontológico. Os dois itinerários, portanto, o histórico e o ontológico se *confundem* em uma correlação onde o mundo da imanência em seu *vir-a-ser* está em diálogo e em tensão permanente com o mundo da transcendência em seu *permanecer*. Talvez aqui se possa compreender aquilo que ele mesmo narra quando no antigo Colégio Anchieta, em diálogo com seu primeiro mestre de filosofia, o padre Werner von und zur Mühlen, assim diz: “Neste diálogo, eu perguntava ao mestre como se poderia explicar a unificação

dos múltiplos para que eles não fossem um multiverso, mas constituíssem um universo” (FIORI, 1987, p. 35).

Henrique Cláudio de Lima Vaz em seu *O itinerário do Absoluto no pensamento de E. Fiori* reconhece no texto *O fio condutor de um pensamento itinerante* o seguinte:

Trata-se de um texto extraordinário denso e rico, cuja exegese integral só poderá ser feita através de um paciente confronto com todo o acervo escrito deixado por Fiori, ordenado cronológica e tematicamente, de modo a servir de comentário contínuo ao que ele, na conferência, denomina de fio condutor do seu pensamento. Trabalho necessário, historiograficamente fundamental, em que Fiori aparecerá como *sui interpretes*, como o intérprete de si mesmo segundo o ideal hermenêutico sempre perseguido pelos historiadores da filosofia, mas que raramente se apresenta em condições tão excepcionais de ser alcançado quanto naquelas que Fiori criou com sua luminosa autobiografia filosófica. (FIORI, 1987, p. 19).

Destarte, a vida de Ernani Maria Fiori em sua biografia, em “sua luminosa autobiografia filosófica” como diz Henrique Cláudio de Lima Vaz, não pode ser compreendida fora da correlação Ontologia e História. Ilda Righi Damke a respeito desta correlação diz que: “Ao traçar a sua biografia, Fiori (MH, p. 32-52) esclarece que embora tenha se dedicado à Metafísica, passou desta à História sem que houvesse uma ruptura propriamente dita”. (DAMKE, 1995, p. 41).⁴ Ontologia e História se entrelaçam em um movimento dialético nada simples em Fiori, pois se assume a condição histórica do mundo e das pessoas, principalmente as mais oprimidas, assume-as desde a referencialidade do Ser. Em a *Experiência primeira, na metafísica e na religião*, conferência publicada nas *Anais do III Congresso Nacional de Filosofia em São Paulo*, em novembro de 1959, Fiori diz que “nossa experiência espiritual de ser é experiência de ‘presença do ser em nós e de nossa presença do ser’, no ser que nos transcende e de que participamos”. (FIORI, 1987, p. 113). A Metafísica enquanto esforço reflexivo e a Religião enquanto adensamento nos fundamentos do Absoluto, enquanto comunicação vital de com nossa origem, coloca nosso espírito ao Absoluto do Ser (FIORI, 1987, p. 113).

Então, este pensador gaúcho, nascido em Porto Alegre a 17 de março de 1914, bacharel em Direito em 1935 pela Faculdade de Direito de Porto Alegre, seguindo a tradição daqueles que no Brasil ou iam para o Direito, as Letras ou Medicina, como foi o caso da maioria dos pensadores brasileiros, principalmente, os da Escola do Recife, como Tobias Barreto, Sílvio Romero, Raimundo de Farias Brito, Clóvis Beviláqua, Artur Orlando e tantos outros⁵, Ernani Maria Fiori se inscreve na Filosofia desde então,

⁴ Ilda Righi Damke em sua obra *O Processo do Conhecimento na Pedagogia da Libertação: As Ideias de Freire, Fiori e Dussel*, prossegue – continuando a citação – dizendo que: “Houve apenas uma inversão da ordem quando percebeu o ser humano como sujeito da história. Segundo ele, descobrir o ser humano como sujeito da história contrariava muitas correntes filosóficas que negavam o sujeito no ser humano, inclusive dentro do próprio marxismo onde o ser humano ou a própria classe foram tão valorizados. O ser humano enquanto sujeito que assume a responsabilidade de fazer a história, e não o ser humano como estrutura inconsciente ou biológica, passou a ocupar o centro das reflexões fiorianas” (DAMKE, 1995, p. 41).

⁵ Sobre a importância da Escola do Recife, conferir de Antônio Paim as seguintes obras: *A Filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981; e, *O Estudo do Pensamento Filosófico Brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Convívio, 1986.

iniciando sua meditação filosófica no Neotomismo com a marca e presença de Jacques Maritain constituindo-se, assim, a primeira etapa de seu pensamento que vai de 1940-1950. Depois, sob a influência ainda do Neotomismo de G. Madinier, A. Forest, S. Strasser e outros, irá dialogar com a Filosofia do Espírito de L. Lavelle e M.F. Sciacca, com o personalismo de M. Nédoncelle, com a Fenomenologia de Husserl, Merleau-Ponty e Sartre. Aqui dar-se-á a ligação da Fenomenologia com a Metafísica, principalmente por meio de H. Duméry. Esta segunda etapa vai de 1950 a 1960. E, por fim, em sua terceira etapa que vai de 1963 a 1975, acontecem suas releituras de Hegel e Marx, sem necessariamente se filiar a nenhuma destas perspectivas, mantendo-se fiel ao seu itinerário para o Absoluto. E por fim, de 1976, até praticamente à sua morte ocorrida em 4 de abril de 1985, suas preocupações dar-se-ão no campo da Filosofia Política, da Filosofia do Direito, da Filosofia Social, da Filosofia da Cultura, da Filosofia da Religião⁶.

Outrossim, Ernani Maria Fiori se inscreverá na Filosofia com desdobramentos em suas partes e disciplinas. Desde a Ontologia e a História em diálogo com a longa tradição do pensamento ocidental e, sem perder o chão epistemológico das maiorias oprimidas da América Latina Caribenha – das vítimas do sistema, para dizer com Enrique Dussel em sua *Ética da Libertação* – Fiori irá *traduzir* tal *tradição* em sintonia com os signos da violência e da opressão, no Continente Latino Americano Caribenho. A expressão máxima deste compromisso se apresenta em seu trabalho *Aprender a dizer a sua palavra* que tem lugar como prefácio na obra de Paulo Freire *Pedagogia do Oprimido*⁷. Assim, nos vários campos onde Ernani Maria Fiori se inscreve – e alguns já foram acenados, como no campo da Filosofia Política, da Filosofia do Direito, da Filosofia Social, da Filosofia da Cultura, da Filosofia da Religião – como no mundo da América Latina Caribenha, em certa produção filosófica tanto no Brasil quanto na Europa, no campo da Linguagem, no campo da História da Filosofia tanto em nível nacional quanto em nível universal e, no campo da Educação, algumas destas inscrições terão lugar nestas notas biográficas que este trabalho pretende ser.

2 O PENSADOR QUE SE INSCREVE NA CULTURALATINO-AMERICANA CARIBENHA

O golpe militar que perdurou por mais de duas décadas na forma de regime militar foi uma constante no Continente Latino-Americano Caribenho desde as décadas de 60 a 80 com matizes distintas, evidentemente, em cada região, mas com uma invariante comum: *o signo da violência orquestrada pelos Estados Unidos da América*. Hoje, países como Argentina, Chile, Brasil e outros se colocam em processo frente às suas respectivas Comissões da Verdade⁸. Muitos foram os que se exilaram tanto na Europa quanto nos países do Continente Latino-Americano Caribenho.

⁶ Sobre as três etapas do pensamento e do itinerário de Ernani Maria Fiori, conferir a Apresentação de *Metafísica e História* elaborado por Maria Siczowska Mascarello e Maria Tereza Papaléo. É desta exposição que me sirvo ao desenvolvimento e influências filosóficas que Fiori sofreu.

⁷ Este Prefácio à *Pedagogia de Oprimido*, edição de 1970, aparece também em: FREIRE, Pablo; FIORI, Hernani; FIORI, José Luis. *Educación Liberadora*. 44 série 'V'. Madri: Centro de Documentación M.I.E.C.-J.E.C.I., 1973. Também se encontra em: FIORI, Ernani Maria. *Educación e Política*. Textos Escolhidos. v. 2. 2. ed. Porto Alegre-RS: UFRGS Editora, 2014.

⁸ Sobre esta questão na América Latina Caribenha vale conferir a obra: CARRARA, Ozanan Vicente (Organizador). *Direitos Humanos na América Latina*. Nova Petrópolis-RS: Nova Harmonia/São Leopoldo: Karywa, 2015. Esta obra é resultado do Seminário “Direitos Humanos na América Latina” ocorrido em outubro de 2014 conjuntamente com os membros da Comissão Estadual da Verdade do Rio de Janeiro, dentre outros seguimentos, bem como países como México, Peru, Chile, Argentina e Brasil na UFF de Volta Redonda.

O Chile foi um lugar de destinação para muitos, como José Serra, Fernando Henrique Cardoso, Hugo Assmann, Paulo Freire. Foi aí que Ernani Maria Fiori se auto-exilou porque impedido de trabalhar no Brasil. Hilda Costa Fiori em *Dados biográficos* diz que “impedido de trabalhar no Brasil, foi obrigado a se autoexilar. Foi então para o Chile (em janeiro de 1966), a convite do monsenhor Larrain, que dirigia o Instituto de Educação Rural (IER). Devia coordenar o Departamento de Estudos daquela instituição” (FIORI, 1987, p. 303). Na Apresentação de *Metafísica e História* Maria Sieczkowska Mascarello e Maria Tereza Papaléo assim dizem sobre o impedimento de Ernani Maria Fiori trabalhar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul:

Se a geração de Fiori levou às últimas consequências as próprias intenções martíricas, a história o está mostrando. Mas as gerações dos jovens, que se formaram no discurso filosófico do professor Fiori, devem ter intuído a veracidade de seu compromisso, pois parte daqueles que o acompanharam na crise de 1962 podem dizer, ainda hoje, como o disseram no Manifesto em que repudiaram a exoneração do mestre da cátedra de filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: “Toda uma geração, no lugar do Professor Ernani Maria Fiori, encontrará apenas um vácuo cultural que dificilmente será preenchido” (Jornal Folha da Tarde, de 17 de setembro de 1964, Porto Alegre). (FIORI, 1987, p. 5).

Sócrates foi condenado à morte entre os seus patrícios, Aristóteles foi ao exílio, Abelardo foi castrado, Aquino teve teses condenadas, Spinoza foi obrigado a se refugiar em Amsterdam porque excomungado da Sinagoga, Marx impedido de lecionar em Universidades europeias, Edith Stein levou às últimas consequências a ciência da cruz em Auschwitz, Dussel se exilou ao México sem sua biblioteca porque sua casa foi dinamitada em Mendonza, Assmann sofreu de exílio em exílio até ser impedido de lecionar Teologia em São Paulo, Leonardo Boff foi submetido ao silêncio obsequioso e, Fiori, sofreu a exoneração da cátedra de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A vida filosófica em sua autenticidade tem sempre, portanto, um certo grau de martírio assemelhando-se à vida daqueles que experimentaram a santidade, isto porque a Filosofia está na fronteira da Teologia e da Mística. E isto, na vida de Fiori se realiza em sua estrutura de quem assumiu o compromisso da história aberto à transcendência, porque fonte primeira, fonte vital. Portanto, a *Filosofia tem um algo de martírio e de santidade*, caso assim não fosse, a atividade filosófica estaria à beira de um cinismo brutal em relação ao outro em suas dimensões que toca à natureza, o mundo, o outro e o totalmente outro do mistério. O itinerário filosófico se faz no chão da história real

e viva dos conflitos e contradições, mas, sempre aberto ao Absoluto. Ontologia e História, portanto, realidades que amalgamaram a existência de Ernani Maria Fiori.

Se foi itinerante ao Absoluto, Ernani Maria Fiori também foi itinerante nas paisagens históricas e culturais da América e da Europa passando por Colômbia, Montevideu, Washington, Panamá, Costa Rica, Chile, Antofagasta, Portugal, terminando seus dias em Porto Alegre no Rio Grande do Sul. Este itinerário sempre marcado pela prática do mestre que ensina, portanto, de uma prática sempre ligada à Educação. Pode-se dizer, então, que Fiori foi um mestre itinerante análogo ao melhor da tradição dos Sofistas e dos Peripatéticos de Aristóteles. Muito viajou – como Descartes recomendava sobre a importância das viagens para se aprender – e muito ensinou porque muito aprendeu. Será, assim, nessa itinerância que Fiori irá consolidar sua amizade com Paulo Freire. Ilda Righi Damke diz que “no Chile, a partir de 1966, o pensamento de Freire e o de Fiori se encontram e ocorre um enriquecimento mútuo” (DAMKE, 1995, p. 40). Assim, pode-se compreender porque em a *Pedagogia do Oprimido* um não pode ser separado do outro. Não se compreende a Pedagogia do Oprimido e a Pedagogia da Libertação que emerge na cultura Latino-Americana Caribenha e ganha dimensão universal, sem um e sem outro. Paulo Freire e Ernani Maria Fiori, portanto, conjuntamente com Álvaro Vieira Pinto e Henrique de Lima Vaz, no dizer de Damke serão considerados como “ideólogos”. “O impulso político de Fiori colocou-o na posição de quase ‘ideólogo’ – no dizer de Damke – que priorizava a formulação de ‘ideias-força’. Consideram Fiori, Álvaro V. Pinto e Henrique Vaz como os três ideólogos da época que seus textos circulavam de mão em mão” (DAMKE, 1995, p. 40). A construção das múltiplas relações, conexões e interfaces entre Álvaro Vieira Pinto, Henrique Cláudio de Lima Vaz – bem como de Alceu Amoroso Lima⁹ que aqui também não pode ser esquecido – Paulo Freire e Ernani Maria Fiori precisam ser melhores estabelecidas e compreendidas como uma geração de intelectuais que souberam dar *inteligibilidade* e *amorosidade* à realidade complexa e contraditória do Continente Latino-Americano Caribenho. Esta geração ainda reverbera neste Continente porque é uma geração que soube criativamente traduzir a tradição das culturas constitutivas deste Continente plural, dinâmico, vivo, marcado pelo signo da injustiça, da opressão de um sistema aético não promovedor do bem comum às gentes todas.

Vale, finalmente, quanto à inserção de Ernani Maria Fiori na América Latina Caribenha, reconhecer a fundamental contribuição de ambos aos processos das duas grandes Conferências Episcopais como a de Medellín (1968) e de Puebla (1979). Estas duas Conferências foram, talvez, a mais genuína interpretação do Vaticano II, enquanto abertura da Igreja ao diálogo com os cristãos separados, com outras tradições religiosas não cristãs, com

⁹ Alceu Amoroso Lima foi um dos que dentre vários se posicionou contrário à exoneração de Ernani Maria Fiori chamando tal atitude de “Primarismo Cultural” (FIORI, 1987, p. 303). Também sobre Alceu vale conferir de CURY, Carlos Roberto Jamil. *Alceu Amoroso Lima*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores – MEC).

o mundo da ciência e da tecnologia, enfim, com o mundo contemporâneo. Nestas duas Conferências são sinalizadas a vocação profética da Igreja na América Latina enquanto Igreja que faz a *opção preferencial pelos pobres e ao mesmo tempo reconhece o seu potencial evangelizador*. É justamente neste contexto latino-americano caribenho, com o ingrediente da Revolução Cubana liderada por Fidel Castro, Ernesto Che Guevara, Camilo Cenfuegos e tantos outros, que se pode compreender a emergência da Teologia da Libertação, da Filosofia da Libertação e da Pedagogia da Libertação. Damke assim, diz:

A partir das Conferências Episcopais de Medellín (1968) e de Puebla (1979), a Igreja assumiu como básica a ‘opção pelos pobres’ e por ‘uma educação libertadora’, na qual o educando fosse sujeito do processo. As reflexões desenvolvidas pelo episcopado, nesses eventos, foram fortemente influenciadas pelo pensamento de Paulo Freire e de Ernani Maria Fiori. O primeiro, sobretudo, através das suas primeiras obras: *Educação como Prática da Liberdade* e *Pedagogia do Oprimido*. Fiori marcou sua presença através de conferências em preparação aos eventos. (DAMKE, 1995, p. 38).

3 O PENSADOR QUE SE INSCREVE NA METAFÍSICA E NA LINGUAGEM

Este tema – o tema da Metafísica – veio se apresentando nesta reflexão como um tema fundamental na existência e no pensamento de Ernani Maria Fiori, ao se estabelecer a questão da Ontologia e da História. Mas esta questão não pode passar incólume neste trabalho, pois se por um lado ela é fundamental para se compreender Ernani Maria Fiori e todos os desdobramentos nele encontrados, principalmente no campo da Educação, por outro, ela se apresenta como uma questão nada fácil, justamente por se estar em um horizonte pós-metafísico. Ernani Maria Fiori é um pensador metafísico, como Henrique Cláudio de Lima Vaz, como Alceu Amoroso Lima e outros que minimamente serão sinalizados, que se move em um horizonte pós-metafísico, pós-cristão, pós-moderno. Estas questões, portanto, não são fáceis e aqui, tão somente alguns traços serão apresentados.

Jürgen Habermas em *Pensamento Pós-Metafísico: Estudos Filosóficos* trava o debate em torno da Metafísica e do Giro Linguístico – a *Linguistic turn* – ou da Guinada Linguística. Estes dois pontos são fundamentais no debate filosófico contemporâneo e ganham importância também no pensamento de Ernani Maria Fiori, pois há em Fiori, além do debate em torno da Metafísica, também o debate em torno da Linguagem. Quanto ao tema da Metafísica, Habermas compreende que há uma

tentativa de reconstrução de uma Metafísica que possa ter consistência no pensamento pós-Kant, portanto, de uma “onda restauracionista” no mundo ocidental em busca de uma “metafísica renovada”. No entanto, para Habermas, não mais “se admitem mais a metafísica como um pensamento ‘conclusivo’ e ‘integrador’”. (HABERMAS, 1990, p. 27).

Por outro lado, Ernildo Stein em *Às voltas com a Metafísica e a Fenomenologia*, comentando o filósofo Karl-Otto Apel no capítulo *A metafísica como uma questão fundamental ou várias metafísicas?*, fala das três transformações da Filosofia na modernidade: a transcendental, a fenomenológica e a analítico-linguística. Assumindo esta formulação de Apel que acredita que esta transformação está em curso no subterrâneo da cultura ocidental, Stein dirá:

É possível que talvez convenha ver nessas três transformações de que fala Apel três formas de metafísica do conhecimento. Mesmo que os autores principais, que estão por trás dessas três transformações, falem aparentemente da mesma metafísica, pode ser produtivo vermos nelas, antes, três modos de concepção de metafísica. (STEIN, 2014, p. 106).

Ora, se no horizonte moderno pós-Kant, não mais é possível uma metafísica como um pensamento conclusivo e integrador de que fala Habermas, com Apel é possível reconhecer no subterrâneo da modernidade ocidental a partir das transformações da filosofia no *movimento transcendental* com Kant, no *movimento fenomenológico* com Husserl e no *movimento analítico-linguístico* com Schlick, Carnap, Neurath, Weismann, Russel e Wittgenstein a possibilidade de várias metafísicas ou de uma pluralidade metafísica, sem mais necessariamente tendo o caráter unificador, conclusivo e integrador. Com isto, pode-se dizer com Ernildo Stein que citando Martin Heidegger diz que “para isso leva-nos à meditação da afirmação do filósofo de que ‘a superação da metafísica não é o fim da metafísica’” (STEIN, 2014, p. 13).

Assim, pode-se reconhecer nos mais de vinte e cinco séculos do pensamento ocidental os *(des)caminhos da Metafísica*. Battista Mondin em sua *Storia della Metafisica* cobre este arco da constelação Metafísica desde o nascimento da Metafísica na Grécia até o contexto das três transformações da filosofia no contexto transcendental, fenomenológico, hermenêutico e linguístico (MONDIM, 1998, v. 1, 2 e 3).

Na América Latina Caribenha parece-me estar em curso três perspectivas do pensamento Metafísico. Uma primeira perspectiva é formulada por Germán Marquinez Argote em sua *Metafísica desde Latinoamérica* onde as raízes plurais da cultura do mundo Latino Americano Caribenho é interpretada à luz da Escolástica e da Filosofia Latino-Americana¹⁰. Uma segunda perspectiva é formulada por Enrique Dussel desde sua *Ética da Libertação* no

¹⁰ De German Marquinez Argote, do Grupo de Bogotá, Colômbia e da USTA – Universidade Santo Tomás de Aquino, vale referenciar do conjunto de sua vasta obra a sua *Metafísica desde Latinoamérica*. S/D.

¹¹ De Eanrique Dussel vale referenciar do conjunto de sua vasta obra a *Ética da Libertação na Idade da Globalização e da Exclusão*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

¹² De Charles Sanders Peirce vale referenciar do conjunto de sua vasta obra a *Semiótica e Filosofia*. Textos Escolhidos. São Paulo: Cultrix, 1984.

sentido de ruptura com a tradição ocidental e construção de um pensar desde a América Latina Caribenha¹¹. Uma terceira perspectiva, não Latino-Americana Caribenha, mas fincada em solo Americano é o *Pragmatismo* de Charles Sanders Peirce. O Pragmatismo de Peirce é constituído enquanto uma arquitetônica filosófica que comporta: uma Fenomenologia; as Ciências Normativas enquanto Estética, Ética e Lógica (Semiótica); e, a Metafísica. Vale ter presente que Peirce é um cientista e um filósofo que subsume em sua arquitetônica filosófica a Ciência¹².

No Brasil o tema da Metafísica se impõe desde o seu processo de formação e de colonização como o será para as demais regiões da América Latina Caribenha sob a influência da Segunda Escolástica tanto hispânica quanto lusa. Francisco Suárez será o signo maior da Segunda Escolástica no Novo Mundo. No século XIX com a Escola do Recife a Metafísica será abalada, mas recolocada pelas mãos de Raimundo de Farias Brito. Djacir Menezes em *Evolucionismo e Positivismo na Crítica de Farias Brito* diz que:

Farias Brito tem sido festejado pelos escritores da corrente espiritualista como o pioneiro da hostilidade aos partidários de Comte e Spencer entre nós. Sua defesa da metafísica em tempos cheios da ressonância crítica de Tobias e Sílvio Romero ampliou o círculo de simpatia do pensador cearense no público espiritualista, como o anunciador do movimento de ‘renascimento’ celebrado por Jackson de Figueiredo, continuado pela liderança de Tristão de Ataíde, no laicato católico, onde se enfileiravam Everardo Backheuser, de Jonathas Serrano, de Alcebíades Delamarre, de Álvaro Bomílcar, de Tarso da Silveira, de Nestor Victor, para nomear apenas os de mais notoriedade intelectual. (MENEZES, 1962, p. 27-28).

Raimundo de Farias Brito inegavelmente em sua Filosofia do Espírito irá recolocar a Metafísica em novas bases que não mais as bases da Escolástica que vem do Império Brasileiro. Nesta abertura ao Espírito se está a um passo de Jackson de Figueiredo, e da renovação do Pensamento Católico que se desenvolverá tanto no pensamento de homens ligados à hierarquia da Igreja como é o caso de Leonel Franca, bem com de homens ligados ao Laicato da Igreja como é o caso de Alceu Amoroso Lima. Aqui se está no ponto de confluência para se entender as influências Metafísicas de Ernani Maria Fiori, pois, sua primeira herança é o Neotomismo de Jacques Maritain e, Alceu Amoroso Lima é o grande responsável pela entrada de Jacques Maritain no Brasil e na América Latina Caribenha. Alceu Amoroso Lima assim diz da presença de Jacques Maritain no Novo Mundo:

Nesta pequena nota sobre a repercussão da obra de Jacques Maritain no Novo Mundo, eu

¹³ A obra *Presença de Maritain* coordenada por Lafaiete Pozzoli e Jorge da Cunha Lima é fundamental para se entender a presença de Maritain no Brasil e no Novo Mundo e sua influência decisiva nos destinos da América Latina Caribenha.

gostaria de lembrar que nem a guerra, nem o exílio voluntário do filósofo nos Estados Unidos, onde ele fez um trabalho notável sobre as relações intelectuais entre a França e a América do Norte, estabeleceram uma relação tão íntima como entre o grande filósofo tomista e o nosso continente. (POZZOLI e LIMA, 1995, p. 47)¹³.

A presença de Jacques Maritain e de Alceu Amoroso Lima serão, portanto, decisivas em toda uma geração, e Ernani Maria Fiori não escapará a esta influência. Em *A filosofia no Rio Grande do Sul* ele assim dirá:

Quer dizer que o nosso itinerário não é só marcado pelo itinerário do Alceu Amoroso Lima, é marcado, também, pelo itinerário do padre Vaz. E é um itinerário que encontramos em muitos dos intelectuais brasileiros, não só do Alceu Amoroso Lima. Tal evento mereceria, realmente, uma investigação, uma pesquisa e um estudo de sociologia da cultura brasileira. (FIORI, 1987, p. 292-293).

Assim, se a Filosofia sofre uma transformação no contexto da tradição europeia como já acenado com Karl-Otto Apel e aí se encontra nos subterrâneos da modernidade ocidental a Metafísica, tal processo também se dá no contexto do Continente Latino-Americano Caribenho de modo geral e, no contexto da realidade Brasileira de maneira muito particular e singular com suas marcas e peculiaridades próprias. Assim, como entender nos subterrâneos da América Latina Caribenha e do Brasil a própria Metafísica no modo e na maneira e na forma que ela foi tomando em nosso contexto de fusões de culturas próximas e ao mesmo tempo distantes? Dizendo d’outra maneira, como a Metafísica veio e vem ganhando expressões e formas no sentido de reconhecer mais que a Metafísica várias Metafísicas?

Três perspectivas já foram sinalizadas no contexto do Continente Latino-Americano Caribenho. No Brasil, por sua vez, pode-se reconhecer também algumas tendências e perspectivas do pensamento Metafísico. Uma tendência emerge da formulação do pensamento de Henrique Cláudio de Lima Vaz. A longa tradição da Escolástica é posta em diálogo com a tradição moderna da ilustração na formulação Metafísica de Lima Vaz, principalmente com o pensamento de Hegel. Pode-se dizer aqui que há uma tradição Metafísica no Brasil, portanto, que emerge da tradição jesuítica desde Antônio Vieira, passando pelas mãos de Leonel Franca e amadurecida por Lima Vaz¹⁴. Uma outra tendência que se pode visualizar, emerge da formulação de uma geração que se encontra no âmbito da tradição franciscana, como por exemplo, Hermógenes Harada, Emmanuel Carneiro Leão, Arcângelo Buzzì. Aqui também é aproximada a tradição Escolástica, mas a Escolástica Franciscana

¹⁴ De Henrique Cláudio de Lima Vaz vale referenciar do conjunto de sua vasta obra a *Ontologia e História*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

¹⁵ Da geração dos pensadores franciscanos que formulam uma Metafísica na proximidade da Escolástica Franciscana com o pensamento de Heidegger vale referenciar obras de: LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Aprendendo a Pensar*. v. 1 e 2. Petrópolis-RJ: Vozes, 1992; e, BUZZI, Arcângelo. *Introdução ao Pensar*. 12. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1983; e ainda mais HARADA, Hermógenes. *De estudo, anotações obsoletas: a busca da identidade humana e franciscana*. Petrópolis-RJ: Vozes; Bragança Paulista-SP: Universidade São Francisco; Instituto Franciscano de Antropologia; Curitiba: Instituto de Filosofia São Boaventura, 2009.

¹⁶ Da geração dos pensadores beneditinos que formulam uma metafísica desde os cláustros dos mosteiros brasileiros vale referência no conjunto de toda produção de Odilão Moura à sua *Ideias católicas no Brasil: direção do pensamento católico do Brasil no século XX*. São Paulo: Convívio, 1978.

¹⁷ De Ernildo Stein e do conjunto de sua vasta obra vale referenciar *Às Voltas com a Metafísica e a Fenomenologia*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2014.

em diálogo com o pensamento de Martin Heidegger¹⁵. Ainda uma outra tendência que vem sendo formulada desde os cláustros dos mosteiros brasileiros emerge das mãos de alguns beneditinos, como Estevão Betencourt, Francisco Benjamin de Souza Neto, Odilão Moura. Uma Metafísica mais estritamente escolástica circunscrita à tradição tomasiana vai sendo elaborada e toda esta tradição está ainda por ser sistematizada, recolhendo o que desde a Colônia até o momento foi sendo produzido nos mosteiros mais que quatrocentões no Brasil¹⁶. Todas estas três tendências que emergem da tradição jesuítica, franciscana e beneditina têm em comum o solo da tradição cristã, da tradição escolástica em diálogo com a tradição da ilustração.

Há outras duas direções do pensamento Metafísico brasileiro que pode ser localizado naquilo que poderia ser chamado de *formulações independentes*, no sentido de serem autores não circunscritos no âmbito das Ordens Religiosas. Uma tendência é a que é formulada por Ernildo Stein. Em sua formulação está a aproximação da Fenomenologia e da Metafísica, além de ser um estudioso do pensamento heideggeriano. Seu pensamento se constrói distante da tradição cristã¹⁷. Uma outra tendência é a de Ernani Maria Fiori que formula de maneira criativa desde a tradição da escolástica tanto agostiniana quanto tomasiana em diálogo com a tradição filosófica da ilustração, principalmente, Kant, Hegel, Marx, Husserl, Sartre e Heidegger uma Ontologia Fundamental. Wilson Chagas diz que “a posição ontológica que é a sua (e que ele chama “ontologia fundamental”), deve preceder, mas jamais dispensar uma “analítica existencial”, uma fenomenologia” (CHAGAS, 1963).

Ernani Maria Fiori formula uma Ontologia Fundamental desde onde é possível ir às outras dimensões de seu pensamento e às outras disciplinas por ele tratadas. Sua Ontologia Fundamental está em estreita conexão com a História. Transcendência e Imanência estão envoltas, porque constituídas pela realidade do Ser. Henrique de Lima Vaz em o *Itinerário do Absoluto no pensamento de E. Fiori* diz que “a experiência metafísica do ser floresce na experiência mística da Transcendência inefável plantada no coração da mais profunda imanência” (FIORI, 1987, p. 30).

Em sua leitura da história da filosofia ocidental, de maneira especial, presente em *A filosofia atual* (1958), mas também em outros trabalhos, como *Interioridade e crítica* (1960), Ernani Maria Fiori, não só formula uma leitura muito original, mas aponta para a importância da Filosofia Moderna que constrói uma Metafísica do Sujeito e, ao mesmo tempo, reconhece o seu limite e empobrecimento deste mesmo Sujeito. Esta crítica é fundamental, pois revela o quanto Fiori tem em mãos a longa tradição ocidental e a maneja crítica e criativamente e sua crítica nada deixa a dever às outras críticas, principalmente, às europeias a respeito da própria Filosofia e da Metafísica. Assim, para Ernani Maria Fiori:

A filosofia moderna foi caracterizada como ‘metafísica do sujeito’, em contraposição à ‘metafísica do ser’. Mesmo aceitando essa esquematização da trama histórica, devemos reconhecer que a metafísica do sujeito constitui progresso, enquanto nos liberta da busca ilusória de uma interioridade do ser que nunca alcançamos, porque recua sempre ao esconder-se na exterioridade, através da qual a perseguimos sem êxito. Concedemos, no entanto: a metafísica do sujeito acabou por empobrecer e esvaziar o sujeito, até deixá-lo reduzido, na linha do racionalismo, a um puro ‘eu’ lógico e, na do empirismo, a um inconsistente fluir fenomenal. Por não ter aceito toda a riqueza metafísica da subjetividade, a filosofia moderna chegou a negar a metafísica do ser. Não tendo seguido até o fim o caminho da interioridade, não foi suficientemente crítica. (FIORI, 1987, p. 116).

Ernani Maria Fiori, então, porque conhecedor da Filosofia Antiga e Medieval tem em suas mãos a Metafísica do Ser e, porque também, conhecedor da Filosofia Moderna e Contemporânea, tem em suas mãos a Metafísica do Sujeito e a crítica dos (des)caminhos da Metafísica. Justamente porque tendo em suas mãos todos estes fios condutores do pensamento ocidental e os fios da realidade Latino-Americana Caribenha enquanto um Continente marcado pelos signos da violência, da dominação e da exploração, Ernani Maria Fiori formula uma Ontologia Fundamental como uma Metafísica da Interioridade e aponta no Prefácio de a *Pedagogia do oprimido* uma Filosofia da Linguagem.

Metafísica da Interioridade, como experiência do ser não se faz sem a linguagem, sem a palavra. Daí o título do Prefácio de a *Pedagogia do oprimido: aprender a dizer a sua palavra*:

Com a palavra, – diz Fiori – o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana. E o método que lhe propicia essa aprendizagem comensura-se ao homem todo, e seus princípios fundam toda pedagogia, desde a alfabetização até os mais altos níveis do labor universitário. (FREIRE, 2005, p. 12).

A Metafísica da Interioridade é decisiva em Ernani Maria Fiori porque, nela, “mergulhamos, assim, mais fundamentalmente na interioridade do espírito e no absoluto do ser e o ser vai se revelando, cada vez mais, como ato, energia atuante, interioridade ativa”. (FIORI, 1987, p. 120). Este mergulho mais fundo na interioridade do espírito e no absoluto do ser não é solipsismo – talvez o grande equívoco, desvio da Metafísica do Sujeito que irá redundar no esquecimento do Ser e no esquecimento do outro – mas sim, abertura ao outro, porque já abertura ao Outro. É desde

esta Ontologia Fundamental que será possível em Ernani Maria Fiori compreender as questões da consciência e da comunicação, principalmente da comunicação no mundo da história, no mundo da cultura. Assim, Ernani Maria Fiori dirá em o Prefácio de a *Pedagogia do Oprimido* que:

As consciências não são comunicantes porque se comunicam; mas comunicam-se porque comunicantes. A intersubjetividade das consciências é tão originária quanto sua mundanidade ou sua subjetividade. Radicalizando, poderíamos dizer, em linguagem não mais fenomenológica, que a intersubjetivação das consciências é a progressiva conscientização, no homem, do ‘parentesco ontológico’ dos seres no ser. É o mesmo mistério que nos invade e nos envolve, encobrindo-se e descobrindo-se na ambiguidade de nosso corpo consciente. (FREIRE, 2005, p. 15).

A Metafísica da Interioridade nos coloca no *parentesco ontológico* e a Linguagem nos coloca, parafraseando Ernani Maria Fiori, no parentesco das consciências, daí a sua concepção de sujeito enquanto intersubjetividade, uma intersubjetividade na linguagem porque é nela que o homem se faz. Aqui, reside, a contribuição genial de Ernani Maria Fiori, pois, desde este horizonte se entende a História, a Política, o Direito, a Cultura, a Religião e a Educação. A grande novidade agora, portanto, ao campo da educação é que ela é reconduzida ao seu lugar, à experiência da interioridade. Se é verdade que a Ciência e a Tecnologia são imprescindíveis à Educação pois **dão a dimensão da exterioridade, é verdade também que a grande crise, a crise fundamental da Educação é a precipitação à exterioridade e o distanciamento da interioridade, senão, o seu esquecimento. Ernani Maria Fiori reconduz a Educação ao seu lugar de origem**, como experiência interior. Se a Educação supõe todos os ingredientes necessários para que ela aconteça: metodologias, tecnologias etc., ela supõe fundamentalmente a experiência interior, este caminho da interioridade espiritual que conduz à Transcendência, ao Ser, ao Absoluto. A Educação deve levar cada um à esta experiência do *parentesco ontológico*, portanto, tarefa decisiva e crucial, mas necessária como forma de manutenção da espécie como espécie, mais como forma de manutenção amorosa da espécie. Assim, se não se compreende a Educação sem as Ciências e sem as Epistemologias, Ernani Maria Fiori está a nos lembrar da importância da Linguagem e da Ontologia na compreensão e na ação que a Educação está a exigir.

4 O PENSADOR QUE SE INSCREVE NA LITERATURA FILOSÓFICA

Ernani Maria Fiori é um pensador que mesmo em vida foi inscrito na literatura filosófica. Assim, para se

concluir estas notas biográficas do pensador gaúcho de Porto Alegre, vale a pena ler como Ernani Maria Fiori foi valorado como pensador em vida e mesmo depois de sua morte em 4 de abril de 1985.

Antes de sua morte, alguns estudos de Filosofia, principalmente, no âmbito da Filosofia Brasileira, não só mencionarão a importância de Ernani Maria Fiori, como pequenos estudos serão realizados. Em a *Pequena História da Filosofia*, de Luís Washington Vita, o pensador cisplatiniano é mencionado no Capítulo X – *Filosofia atual no Brasil*. Vita reconhece que a principal obra de Ernani Maria Fiori é *Abstração metafísica e experiência transcendental* (1963) e assim diz do pensador gaúcho:

No ensaio citado parece fora de dúvida ter o pensador gaúcho superado a originária inspiração tomista de seu pensamento, agora mais agostiniano, mais na linha do espiritualismo francês e dentro do clima hegeliano, repensando os temas metafísicos com a fenomenologia e o existencialismo, numa tentativa de abrir caminho para demarcar a condição primeira da metafísica. (VITA, 1968, p. 237).

Fernando Arruda Campos em sua obra *Tomismo e Neotomismo no Brasil* assim se refere a Fiori:

Ernani Maria Fiori é filósofo no sentido pleno da palavra, embora, por modéstia, declare-se estudioso da filosofia. Sua filosofia é uma tentativa de compreender e harmonizar, num só pensamento pessoal, vivido e coerente, os vários espiritualismos contemporâneos, quer sejam de inspiração tomista ou agostiniana, ou personalista ou existencialista, ou pertençam àquela corrente ontológico-moral a que se chamou ‘filosofia do espírito’. (CAMPOS, 1968, p. 176).

Lídia Acerboni ao desenvolver a Filosofia de inspiração cristã em sua obra *A filosofia contemporânea no Brasil* reconhece Ernani Maria Fiori conjuntamente com Armando Câmara e Lourenço de Pontel S.J. Diz de Ernani Maria Fiori “que dirigiu por alguns anos o Instituto de Filosofia, anexo à U.R.G.S., realizando uma interessante e vigorosa mediação como a metafísica heideggeriana”. (1969, p. 141-142).

Antônio Carlos Villaça por sua vez, em *O pensamento católico no Brasil* ao falar dos tomistas de ontem e de hoje assim diz de Fiori:

Ernani Maria Fiori, professor de Filosofia no Rio Grande do Sul, nos deu *A filosofia atual, propriedade viva e propriedade morta*, 1958, ‘A experiência primeira da metafísica e na religião’, em *Anais do III Congresso Nacional de Filosofia*, São Paulo, 1959, *Interioridade e Crítica*, 1961”. (VILLAÇA, 1975, p. 168).

Henrique Cláudio de Lima Vaz em *O Pensamento filosófico no Brasil de hoje*, apêndice na obra *Noções de História da Filosofia* de Leonel Franca desenvolve sobre as correntes e perspectivas do pensamento brasileiro em quatro grupos. No quarto grupo encontra-se o tema da reflexão metafísica. Nesta perspectiva e corrente o nome de Fiori virá conjuntamente com o nome de Armando Câmara. Assim Lima Vaz irá se referir a Fiori:

No termo de uma vigorosa meditação sobre a filosofia atual, apresenta-nos o ponto de partida da Metafísica numa experiência do ser em que convergem o conteúdo existencial de uma apreensão antipredicativa (em sentido heideggeriano) e o alcance ontológico de um dinamismo intelectual: ‘o ser que intenciona vive-se a si mesmo numa experiência translúcida como ser intencionante e não intencionado’. (FRANCA, 1987, p. 367).

Antônio Joaquim Severino em sua obra *A filosofia contemporânea no Brasil: conhecimento, política e educação* retomando e seguindo o mesmo esquema de Henrique Cláudio de Lima Vaz em *O pensamento filosófico no Brasil de hoje*, dirá que

O quarto grupo é formado por aqueles pensadores que, independentemente das escolas filosóficas a que se vinculam, desenvolvem vigorosa reflexão metafísica. Cita como representantes dessa perspectiva o existencialista Vicente Ferreira da Silva, em sua segunda fase, o idealista Renato Cirell Czerna, os metafísicos de inspiração católica e neotomista, Jackson de Figueirido, Alceu Amoroso Lima, Leonel Franca, Maurílio Penedo, Aloisio Mosca, Paulo Caspar de Menezes, Tarcísio Padilha, Artur Versiani Velloso, Alexandre Corrrea, Leonardo Van Acker, Roberto Sabóia de Medeiros, Ubaldo Puppi, Armando Câmara e Ernani Maria Fiori. (SEVERINO, 1999, p. 31-32).

A literatura filosófica minimamente elecanda reconhece Ernani Maria Fiori que ganha inscrição na história do pensamento filosófico brasileiro. Mas Ernani Maria Fiori também ganha lugar e reconhecimento internacional para além-mar. Duas Enciclopédias, pelo menos, o mencionam. A Enciclopédia *LOGOS Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia* o reconhece com um verbete elaborado por Miguel Reale. (v. 2, 1990, p. 642-643). A *Encyclopédie Philosophique Universelle LE DISCOURS PHILOSOPHIQUE – Dictionnaire* em um extenso estudo sobre *La Philosophie au Brésil* elaborado por Tarcísio Padilha e Ricardo Vélez assim diz de Fiori:

Ernani Fiori (1914-1985) représente le spiritualisme chrétien: il passe du thomisme origi-

nal à la philosophie augustinienne en repensant la phénoménologie et l'existentialisme: la tâche de la métaphysique est de 'penser les êtres dans l'être'. Fiori signale le risque de l'homo viator, ce qui le conduit à visualiser la philosophie comme méthode et cheminement. Il s'agit d'approfondir le mystère ontologique e non de devoir l'être come réalité palpable. (v. 4, 1998, p. 393-394).

Em o *Fio condutor de um pensamento itinerante*, Ernani Maria Fiori conclui sua palestra em 1980 dizendo de seu pensamento: “Meu pensamento filosófico sofreu muitas influências, exerceu quase nenhuma (não muito mais do que a lembrança de alguns ex-alunos)”. De fato, Ernani soube acolher no gesto amoroso e simpático a tradição sofrendo o influxo da grande tradição ocidental e, hoje, olhando com distanciamento histórico, vê-se que exerceu uma enorme influência, principalmente no processo do pensamento latino-americano caribenho, lugar de onde emergirá uma *práxis liberationis*. Pode-se que o pensador cisplatino elaborou uma *Metafísica da Libertação* onde o mundo da periferia é subsumido no Mistério do Absoluto. Prossegue Ernani Maria Fiori: “Não tem a pretensão do sistema, tem apenas a audácia de uma busca. Nesta caminhada do saber filosófico, ou na práxis, na comunhão humana, tenho procurado discutir isso”. De fato, também, seu pensamento não é um sistema à maneira do de Platão, Aristóteles, Aquino, Kant, Hegel, Peirce, Dussel, mas seu pensamento porta o encontro com o que é essencial em todo pensamento, ou seja, o encontro com o fundamento. Nesse sentido, ao formular uma Ontologia Fundamental lança a pedra fundante e fundamental para se construir, por isto, seu pensamento é um pensamento *in fieri*, portanto. E por fim, Ernani Maria Fiori diz: “Fui apenas isto: um anônimo peregrino do Absoluto”. (FIORI, 1987, p. 52). Pode-se dizer, então, que Ernani chega a um lugar nada fácil de chegar e acessar, porque sempre ponto de partida: o Absoluto, segredo este que toma lugar na História, na Cultura, na Finitude da Condição Humana.

REFERÊNCIAS

ACERBONI, Lidia. **A filosofia contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editorial Grijalbo, LTDA., 1969.

AGOSTINHO, Santo. **A verdadeira religião**. São Paulo: Paulinas, 1987.

AQUINO, Tomás de. **Comentário à metafísica de Aristóteles – I-IV – Volume 1**. Campinas: Vide Editorial, 2016.

ARGOTE, Germán Marquinez. **Metafísica desde latinoamérica**. S/d.



BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar**. 12^a. Edição. Petrópolis: Vozes, 1983.

CAMPOS, Fernando Arruda. **Tomismo e neotomismo no Brasil**. São Paulo: Editorial Grijalbo, LTDA., 1968.

CHAGAS, Wilson. Ernani Fiori e o perigo do inefável. **Jornal Correio Popular**, Porto Alegre, 28 maio 1963.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Alceu Amoroso Lima**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2010. (Coleção Educadores-MEC).

DAMKE, Ilda Righi. **O processo do conhecimento na pedagogia da libertação**: as ideias de Freire, Fiori e Dussel. Petrópolis: Vozes, 1995.

DUSSEL, Enrique; MENDIETA, Eduardo; BOHÓRQUEZ, Carmen (Editores). **El Pensamiento filosófico latinoamericano del Caribe y latino (1300-2000)**: Historia/Corrientes/Temas/Filósofos. México: Siglo XXI, 2011.

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

Encyclopédie Philosophique Universelle. **Les discours philosophiques**: dictionnaire. v. 4. 1^a. Édition. Paris: Presses Universitaires de France – PUF, 1998.

Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia. **LOGOS**. v. 2. Lisboa; São Paulo: Verbo, 1990.

FIORI, Ernani Maria. **Educação e política**. Textos Escolhidos. v. 2. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014.

FIORI, Ernani Maria. **Metafísica e história**. Textos Escolhidos. v. 1. Porto Alegre: L&PM, 1987.

FIORI, Ernani Maria. **Abstração metafísica e experiência transcendental**. Porto Alegre, 1963.

FIORI, Ernani Maria. **A filosofia atual**. Ensaios e Conferências 1. Instituto de Filosofia. Universidade do Rio Grande do Sul. S/d.

FRANCA S.J., Leonel. **Noções de História da Filosofia**. 23. ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 49. Reimp. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Pabro; FIORI, Hernani; FIORI, José Luis. **Educación Libertadora**. 44 Serie ‘V’. Madrid: Centro de Documentación M.I.E.C.-J.E.C.I., 1973.

GADOTTI, Moacir et alii. **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Brasília; UNESCO, 1996.

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

HERMÓGENES OFM, Frei Harada. **De estudo, anotações obsoletas: a busca da identidade humana e franciscana**. Petrópolis-RJ: Vozes; Brangança Paulista-SP: Universidade São Francisco; Instituto Franciscano de Antropologia: Curitiba: Instituto de Filosofia São Boaventura, 2009.

LEÃO, Emanuel Carneiro. **Aprendendo a pensar**. v. 1 e 2. Petrópolis: Vozes, 1992.

MENEZES, Djacir. **Evolucionismo e positivismo na crítica de Farias Brito**. Ceará: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

MONDIN, Battista. **Storia della Metafisica**. v. 1, 2 e 3. Bologna – Itália: PDUL Edizioni Studio Domenicano, 1998.

MOURA OSB, D. Odilon. **Ideias católicas no Brasil: direções do pensamento católico do Brasil no século XX**. São Paulo: Convívio, 1978.

PAIM, Antonio. **O estudo do pensamento filosófico brasileiro**. 2. ed. (Revista e Ampliada). São Paulo: Convívio, 1986.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e filosofia**. Textos Escolhidos. São Paulo: Cultrix, 1984.

POZZOLI, Lafaiete; LIMA, Jorge da Cunha (Coordenadores). **Presença de Maritain: testemunhos**. São Paulo: LTr, 1995.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **A filosofia contemporânea no Brasil: conhecimento, política e educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

STEGMÜLLER, Wolfgang. **A filosofia contemporânea: introdução crítica**. v. 1. São Paulo, EPU; Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

STEIN, Ernildo. **Às voltas com a metafísica e a fenomenologia**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2014.

VAZ S.J., Henrique Cláudio de Lima. **Ontologia e história**. São Paulo: Loyola, 2001.

VAZ S.J., Henrique Cláudio de Lima. O Pensamento Filosófico no Brasil de hoje. In: FRANCA S.J., Leonel. **Noções**

de História da Filosofia. 23. ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1987.

VILLAÇA, Antônio Carlos. **O pensamento católico no Brasil.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

VITA, Luís Washington. **Pequena História da Filosofia.** São Paulo: Saraiva, 1968.